

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

### GREGÓRIO DE MATOS E A MASCULINIDADE DO SUJEITO RESENTIDO

Nismária Alves David (UEG)<sup>1</sup>  
e Jane Adriane Gandra (UEG)<sup>2</sup>

RESUMO: Este estudo pretende abordar como se comporta a voz do masculino diante da recusa feminina, principal mote do poema satírico “Antonia”, de Gregório de Matos. Especialmente, é possível ao leitor identificar juízos de valores, preconceitos e difamações. De personalidade arrogante e impulsiva, o sujeito lírico revela nos seus versos vaidades, recalques e passionalidades, ocultados sob a aparente superioridade de homem culto, fidalgo e artista. A ideia de masculinidade é uma construção social e, no poema em análise, toma forma por um discurso que se opõe ao feminino, degradando-o. Percebe-se que, depois do desdém da prostituta às investidas do nobre amante, a superioridade e a honra deste somente são recuperadas pela supremacia da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Gregório de Matos; masculino; poesia; desejo; corpo.

### GREGÓRIO DE MATOS AND THE MASCULINITY OF THE RESESSED SUBJECT

ABSTRACT: This study intends to approach how the male voice behaves in the face of female refusal, the main motto of the satirical poem “Antonia”, by Gregório de Matos. Especially, the reader is allowed to identify judgments, prejudices and defamations. With an arrogant and impulsive personality, the lyrical subject reveals vanities, repressions and passions, hidden under the apparent superiority of cultured, nobleman and literary man. The idea of masculinity is a social construction and, in the poem in analysis, it is constructed by a discourse that opposes and degrades the feminine. It is clear that, after the prostitute’s disdain for the noble lover’s advances, his superiority and honor are recovered only by the supremacy of language.

KEYWORDS: Gregório de Matos; male; poetry; desire; body.

Recebido em 30 de abril de 2021. Aprovado em 25 de junho de 2021.

---

<sup>1</sup> nisdavid@yahoo.com.br - <http://lattes.cnpq.br/6682621513643586>

<sup>2</sup> jane.gandra@ueg.br - <http://lattes.cnpq.br/9027649509165461>

## INTRODUÇÃO

Este estudo destaca o poema satírico de Gregório de Matos, “Antonia”, compilado nas *Crônicas do Viver Baiano*, com o objetivo de analisar o masculino ressentido no jogo de sedução com mulheres de estrato social inferior, como ocorria, principalmente, com as negras e as mestiças. Gregório, no culto das palavras, projetou um retrato realista do ser e do viver do homem seiscentista.

Para a organização deste artigo, no primeiro momento, aborda-se o sentido de masculinidade. Apresentado o breve referencial teórico, passa-se para a análise do poema na perspectiva do sujeito ressentido, sendo que o vocábulo “ressentido” é referenciado por todo o texto de maneira dicionarizada, remetendo aos três sentidos de ressentimento apresentados no dicionário Michaelis, “1. Ato ou efeito de ressentir(-se). 2. Rancor seguido do desejo de vingança. 3. Lembrança dolorosa de palavra ou ato ofensivo” (2021, s.p).

### 1. O MASCULINO E O CORPO SOCIAL

A masculinidade, segundo Robert Connell (1995), é construída socialmente e corresponde a “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (Connell 1995: 188). Nesse sentido, essa ideia se processa numa esfera simbólica, imaginária e moldada culturalmente ao longo dos tempos no meio social. Exemplificando, a diferença entre os gêneros ocorre por meio da presença ou não do falo. E esta classificação dos sujeitos gera a diferença e a hierarquização do masculino sobre o feminino.

Dessa forma, a superioridade masculina estabelecida pela natureza biológica corresponderia, no dizer de Bourdieu (2012: 33), a “uma construção social naturalizada”. Assim, a masculinidade é apresentada como uma “lei”, visto que estabelece e define comportamentos ao masculino e, no seu reverso, ao grupo feminino. A esse respeito, o referido teórico menciona que a disciplinarização e a brutalização estão a serviço de reforçar e preservar a masculinidade, como se observa, por exemplo, no exército e nos negócios. Tudo isso colabora para a construção rígida de um modelo do masculino assentado na virilidade, que não concede ao indivíduo uma reação de fraqueza, choro ou de acovardamento.

Além disso, as identidades masculinas tendem a ser atestadas e adquiridas por comportamentos coletivos e por uma aprovação de outro masculino. Nesse caso, pode-se citar a questão da honra que está intimamente ligada à virilidade. Há, portanto, uma dependência do julgamento e aval do grupo viril, que reconhece alguns tipos de atributos associados a um homem para que este faça “parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’” (Bourdieu 2012: 65).

Contudo, para acessar e fazer parte do grupo masculino, o indivíduo tende muitas vezes a cometer e a ser submetido a diversas situações de constrangimentos, de

desonra e de humilhações. Tudo para afastar o medo de ser rechaçado por outros homens. Com isso, esperam-se do masculino ações e reações de bravura, dureza, insensibilidade e racionalidade, características impostas culturalmente ao indivíduo do gênero masculino.

A visão androcêntrica do século XVII enaltece a masculinidade como um atributo de distinção e superioridade entre os gêneros. Nesse sentido, o mundo colonial é estratificado e hierarquizado, prevalecendo o gênero masculino sobre o feminino. Os acessos à instrução, às finanças e ao espaço público são legitimados para o homem e excluídos para as mulheres daquela época.

É nesse contexto que se forma a mentalidade do poeta seiscentista Gregório de Matos. Como legitimação para tal abordagem, Antonio Candido (1999) considera que, apesar de não haver tido a intenção do referido artista em documentar o seu tempo, é inquestionável o valor histórico que seus versos encerram sobre o homem e contexto coloniais. O realismo de descrições e suas impressões sobre fatos, coisas e pessoas, notadamente de foro íntimo, revelam a farsa da vida privada, que os livros de História oficial não cuidam, por não serem objetos de cientificismo e da coletividade.

## 2. O JOGO DE SEDUÇÃO DO MASCULINO RESENTIDO

O poema “Antonia” trata do caso de uma prostituta de origem negra que se recusou às investidas sexuais do sujeito-lírico, mesmo diante da paga e das súplicas. Logo na introdução, o leitor tem acesso ao drama por meio de um índice explicativo que se desdobra no desejo revelado pelo nobre amante, seguido dos subterfúgios e esquivos da moça cortejada. Após isso, é apresentado o estado melancólico do sujeito lírico cuja volúpia reprimida ecoa num espírito ressentido, que se converte em impropérios ditos à mulher. Alfredo Bosi (2003) destaca que, nas poesias satíricas de Gregório dirigidas à figura feminina negra, é preponderante a representação pejorativa do corpo, descrito de modo paradoxal com escárnio e sensualidade. Nessa perspectiva, “a dignificação ou o aviltamento da mulher tem cor e tem classe neste poeta arraigado em nossa vida colonial e escravista” (Bosi 2003: 109), que direciona um olhar preconceituoso ao corpo feminino de origem africana. O poema “Antonia” é construído por meio da representação dos corpos, por prismas antagônicos: o masculino exaltado e o feminino rebaixado.

Além disso, este poema aparece delineado por um plano lúdico, pois, no jogo de linguagem, cada último verso de todas as estrofes, lidos em sequência, apresenta a síntese da desventura do sujeito lírico, reforçando o seu estado anímico e o seu ressentimento: “eu fui, o que vim picado.” “morrendo do Maribondo.”; “que inda que abraza não mata.”; “tudo irá numa poeira.”; “tanto mais o amor as preza.” “e para: não digo nada.”; “Fui por amante ferido.”; “Por firme fui maltratado.”, “Por constante desprezado.”, “E por leal ofendido” (Matos 1992: 1-7).

Por todo esse recalque do ressentimento exteriorizado por meio da linguagem, entende-se que o masculino colonial tem uma dificuldade de firmar-se no controle de suas emoções, ora a sua soberba não aceita a condição de vassalo em relação à senhora, para logo se arrepender e se entregar de corpo e alma à meretriz. “Vi-vos, e rendi-me logo, e em duas ações diversas de ver-vos, e de render-me eu não sei, qual foi primeira” (Matos 1992: 3-4). Nesses versos, percebe-se que o sujeito lírico tenta ludibriar Antonia, evocando o sentido sublime de amor, ao destacar as ações de vasalagem de “ver” e “render-se”. Esse caráter paradoxal matiza o espírito do homem barroco, que é contraditório, intenso e hiperbólico.

Na abertura do texto analisado, o sujeito lírico já demonstra o seu preconceito quando atribui os adjetivos “livre” e “travessa” à mulher, numa alusão à prostituição. Outrossim, as referências a lugares da cidade da Bahia não são aleatórias, “Rua da Poyeira” e “Campo da Palma”. Elas reforçam, de certa maneira, o estrato social de pobreza da mulher e a sua qualificação de rameira. Desse modo, o sujeito lírico tenta escancarar o universo de marginais em que adentra. Por outro lado, ele se enaltece ao realçar o seu *status* social e sua masculinidade, por meio da sua potência sexual. Assim, comporta-se arrogante ao dizer que, apesar de ter “o ferrão”, – numa clara conotação machista de referência ao falo –, Antonia, apelidada de Maribondo, é quem, na verdade, “ferroa-o”, quer dizer, desestabiliza-o emocionalmente.

Fiz por fechá-lo na mão,  
mas o Maribondo azedo  
me picava em qualquer dedo,  
e escapava por então:  
desesperada função  
foi esta, podes me foi pondo  
tão abolhado em redondo  
por cara, peitos, vazios,  
que estou em febres,  
e frios morrendo do Maribondo (Matos 1992: 2; grifo nosso).

A comparação que estabelece entre Antonia e o marimbondo evidencia o pensamento colonialista de enaltecimento da virilidade. Nesse pensamento, o corpo feminino é posse do masculino e, em condições mais desfavoráveis, está o corpo da prostituta, que se torna coisa pública. A supremacia do masculino é toda elaborada por meio do discurso poético, que deixa clara a posição ocupada pelo sujeito lírico que se apresenta como um indivíduo letrado e com notoriedade. E ele acredita que por essas razões tenha vantagens sobre a meretriz. Ademais, a palavra “Maribondo”, empregada com letra maiúscula no verso, mostra ser a personificação do desdém da prostituta.

Não parece que a expressão dada ao ofício da prostituição como “doces empregos” sugira a respeitabilidade do sujeito lírico à mulher. Pelo contrário, espelha a bajulação de uma persona caprichosa que se utiliza de todas as artimanhas para atrair

para perto de si o objeto de desejo. Por isso, o priapismo e a paixão, depois do menoscabo da moça, transmudam-se em desrespeito e animosidade. É inconcebível ao sujeito lírico o fato de a meretriz contrariar os seus interesses sexuais, preterindo-o. Ultrajado profundamente no brio de homem culto e notável artista, em dados momentos, o sujeito lírico deixa a razão ser vencida pela volúpia reprimida. Por isso, de nada adiantam os silogismos utilizados no assédio à jovem que acaba declinando às ofertas dele.

Todas as reações do corpo masculino em relação às negativas de Antonia são potencializadas pela sensação de vazio e humilhação que recai sobre o mundo do sujeito lírico. O leito desprezado, numa referência ao desejo reprimido, parece indomável e pujante, representado pelas febres que metaforizam a vontade humana. De acordo com Octavio Paz, “o erotismo é exclusivamente humano: é sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e vontade dos homens” (Paz 1994: 16). Da parte de quem deseja, há a necessidade do objeto desejado, estabelecendo uma estreita relação de dependência, a ponto de o amante ser a própria vítima daquilo que almeja.

Mais adiante no poema, há o reforço à ideia de que no estado de *páthos* a sensação da presença de Antonia é uma constância ainda mais viva na sua ausência. Em contrapartida, esses *flashes* do corpo da mulher não trazem alívio para o sujeito lírico. Pelo contrário, eles são comparados a momentos de tortura, pois alcançam dimensões delirantes:

Agora que sobre a cama  
Antonica me inquieta,  
muito mais estando ausente  
que se na cama estivera  
Agora que o meu cuidado  
dentro dalma me desvela,  
e o verdugo da memória  
em saudades me atormenta:  
Agora que o brando leito,  
qual duro potro me espera,  
porque o cordel da lembrança  
execute as leis da ausência:  
Agora que a muda noite  
no silêncio, que professa,  
como quem soube os meus gostos,  
mos representa na ideia:  
Entre o passado e presente. (Matos 1992: 3)

Nesse discurso colonialista, há um tom depreciativo da mulher que, depois da recusa dela, é chamada pelo diminutivo Antonica. Além disso, a anáfora “agora que” demonstra a dificuldade do sujeito lírico de aceitação ao rechaço advindo da prostituta, que transforma humilhante em torturador o tempo presente.

A habilidade de persuasão do sujeito lírico é instável, alternando entre o elogio e o rebaixamento da mulher. Apresenta galanteios por meio de comparações entre a beleza de Antonia e elementos naturais, como o brilho do sol e da lua, atribuindo-lhe a culpa pelo seu infortúnio: “Vós sois esquiva e cruel,/ tão dura e desapegada,/ que tirais de ser querida/ as razões de ser ingrata” (Matos 1992: 5). E chega ao ponto de dirigir a ela insultos e despidores ao dizer indecências sem rodeios: “E pois você tem feito, com que perca,/ diga essas confianças à sua urca,/ que eu sei, que em cima de urca é puta porca” (Matos 1992: 7; grifo nosso). À medida que vai detratando Antonia, erotiza o corpo dela com palavras, oscilando entre revelações de desejo e de rancor, atingidos pela troça, até chegar na intimidade da genitália feminina. O sujeito lírico tece jocosamente o erotismo do corpo feminino. As negativas da moça provocam a fúria masculina, que a submete intensamente à derrisão do riso. Nesse aspecto, a vagina passa a ser uma metonímia para a meretriz. Acrescenta-se que, para a vulva, outros correspondentes depreciativos são empregados, como “buraca”, “vaso” e “urca”.

Este poema traz o incontestável fascínio gregoriano pela cobiça habitual: o corpo feminino. Toda a história é conhecida pela ótica deformada de um sujeito lírico ferido pelo desprezo. As informações sobre Antonia passam pelo crivo do masculino ressentido que se refere a ela como figura de tentação e que age com tolíces, porque, mesmo sendo prostituta, nega certos amantes e, por conseguinte, perde rendimentos. Contudo, a moça contesta a questão de que ganhar, ou não, reside na conveniência de cada um, deixando subentendido que ela dirige seus próprios negócios: “Nunca me fez mister dizer, quem merca” (Matos 1992: 7). Percebe-se uma contraposição da mulher à soberania de gênero e intelectualidade do homem colonial. Essa postura subversiva da prostituta motiva ainda mais furor no sujeito lírico. Consciente da fugacidade do tempo, ele a adverte de que não haverá beleza eterna. E com a chegada da velhice, a arrogância de escolher pretendentes e fregueses, certamente, cederá lugar às urgências da carne.

Cada vez mais corroído pela rejeição, o sujeito lírico sabe do poder patriarcal que detinha e dos limites sociais impostos à mulher. Por isso, prefere continuar argumentando, para vencê-la pela persuasão. Há no trecho a seguir um tom de ameaça, no qual se subentende a legitimação da opressão sobre o feminino, que se nega a ser subserviente:

Dizem, que a vingança está  
em lhe saber eu da casa,  
porque deixando-lhe em brasa,  
o fogo mitigará:  
temo que não arderá  
por mais que toda uma mata  
lhe aplique com mão ingrata,  
porque eu, o que lhe hei de pôr  
há de ser fogo de amor,

que inda que abrasa não mata.  
(...)  
para mostrar-lhe com fé minha firmeza,  
porque por firme fui maltratado (Matos 1992: 2-6).

Essa ideia tácita atravessa os versos gregorianos, demonstrando a condição de rebaixamento do feminino, concernente à liberdade de pensamento, decisão sobre si e sobre o corpo reificado. Sobretudo, revela uma masculinidade que reproduz padrões impostos pela sociedade colonial e escravista do século XVII.

Um desses estereótipos masculinos é o favorecimento de proteções e facilidades em troca de favores sexuais, como negocia abertamente o sujeito lírico em suas súplicas: “dai-me um sim, que custa pouco, / e muitas finezas ganha.” (Matos 1992: 5). Como se vê, é estabelecido um tipo de escambo, colocando um alto valor no seu poder simbólico, que poderia ser convertido em regalos ou facilidades sociais, enquanto ele banaliza os benefícios advindos dela, que se restringem ao corpo e ao prazer. “Fazei comigo negócio: / e se heis medo, à minha barca, / quem não se arrisca não perde, / mas no risco está a ganância” (Matos 1992: 5). A recorrência de advertências financeiras à meretriz transparece o pensamento mercantilista que orientava o homem colonial nas suas relações sociais. Toda associação tinha a sua conveniência, cambiada em dividendos: “Sede mercador de amor, / onde um favor, que se gasta, / rende quinhentos por cento / em finezas de ouro, e prata” (Matos 1992: 5).

Ademais, o sujeito lírico destaca o seu poder e sua notoriedade que tem na cidade: “mais vós, que sabeis, que/ comigo ninguém naufraga,/ porque sou nesta cidade/ um dos berrantes de fama” (Matos 1992: 5). Observam-se também outras inquietações em relação às cobranças sociais voltadas para o corpo masculino, como o exercício legitimado da virilidade a todo custo.

Há, contraditoriamente, um aumento do desejo diante da negativa e da ausência do objeto que seduz. Contudo, é preciso ressaltar que não existe a presença do amor, mas sim o desejo, como ilustrado anteriormente. O querer está mais associado a um tipo de ânsia que, depois de saciada, perde a sua aura de divino e se torna vulgar e dispensável. É um indicativo de que o desejo masculino, muitas vezes, está correlacionado à atração física. Depois de materializado o prazer, perde-se o interesse sobre o objeto ambicionado.

É por meio da palavra poética que o sujeito lírico pretende recuperar sua honra maculada, bem como resgatar a sua dignidade de pessoa pública. Assim, busca estabelecer a cumplicidade entre os pares, apresentando-se como homem viril diante de outro homem. Por isso, o sujeito lírico dirige-se a Thomás Pinto Brandão, para lhe contar sobre Antonica, definindo-a como desonesta meretriz. Constrói um discurso em que o homem se mostra viril, ao insistentemente apresentar seus dotes masculinos, financeiros e de prestígios. Sobre a virilidade, Pierre Bourdieu ressalta que “é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e

construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (2012: 67). Vê-se que não há espaço para o masculino demonstrar fraquezas e atos de covardias, embora ele mesmo admita ter sido fraco aos encantos da mulher:

Além de mostrar-me amante,  
em constâncias lhe mostrei,  
mas bem conheço, que errei,  
em mostrar-me tão constante:  
não serei mais ignorante,  
que o Amor me tem mostrado  
os males, que me há causado:  
nem constância quero ter,  
para que não venha a ser  
Por constante desprezado. (Matos 1992: 6)

A preservação da honra e da masculinidade ocorre por meio da depreciação pública da moça. Para tanto, o sujeito lírico coloca em cena outro homem para ser cúmplice e testemunha do resgate de sua virilidade, ofendida pela recusa da meretriz. Ainda a respeito da virilidade, Pierre Bourdieu adverte:

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quiddidade do vir, virtus, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual — defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. — que são esperadas de um homem que seja realmente um homem. (2012: 20)

Por isso, ao longo de todo o poema, há o empenho do sujeito lírico pela exaltação da sua honra. Nessa direção, ele recorre a argumentos diversos e, no jogo de linguagem, sai vitorioso. Assim, exerce o poder simbólico que lhe confere uma posição superior por dominar a palavra, sobrepondo-se a outros sujeitos.

Como homem erudito, o sujeito lírico tem plena consciência de como funcionam as engrenagens do estrato social e, logo, sabe a pouca importância dada à prostituta. O seu lugar de fala lhe confere prestígio e notoriedade enquanto, do outro lado, a meretriz tem o desprezo e a humilhação da sociedade. Por esta razão, considera petulância a recusa da mulher que, no seu entendimento, jamais poderia desprezá-lo. Impulsionado pela dor da rejeição, há o aumento de sua fúria, que se converte numa superioridade linguística, obtendo êxito na desforra pública.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poema “Antonia” é mais um dentre muitos poemas de Gregório de Matos que revela um sujeito lírico legitimamente barroco, ressentido e provocador. Por mais que houvesse argumentos, a prostituta se esquiva e rechaça as emendas. Quanto maior era o desprezo, mais aumentava o desejo do sujeito lírico até que, condoído pelas negativas da mulher, é canalizado em fúria e difamação.

O objeto, que antes era exaltado e desejado, passa a ser apedrejado com injúrias e ameaças veladas. A imagem da mulher é pintada de maneira paradoxal: primeiro, os devaneios do sujeito lírico desenham as curvas do corpo erotizado, para depois execrá-lo, devido à moça não atender aos caprichos do desejo masculino. Há uma gradação do estado anímico do sujeito lírico que se apresenta vassalo no momento inicial, e tende a se tornar um ressentido-agressivo, depois da ofensa de ter sido desprezado.

Num espaço de tão evidentes precariedades, como se configurava a sociedade colonial de iletrados, o poder estava também nas mãos de quem dominava o verbo com maestria. Como bom jogador com as palavras, o sujeito lírico recupera não somente a sua honra publicamente como termina desqualificando a prostituta até mesmo no seu ofício de “doces empregos”.

## OBRAS CITADAS

BOSI, Alfredo. Do Antigo Estado à Máquina Mercante. *Dialética da colonização*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 94-118.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. São Paulo: Humanitas, 1999.

CONNELL, Robert W. *Políticas da masculinidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. *Educação e Realidade*, 20(2), jul-dez 1995, p. 185-206. Disponível em [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1224/connel\\_politicas\\_de\\_masculinidade.pdf?seq](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1224/connel_politicas_de_masculinidade.pdf?seq) Acesso em 23 abr. 2021.

MATOS, Gregório de. “Antonia”. *Obra Poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/RESSENTIMENTO/> Acesso em 10 ago. 2021.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Trad. Wladyr Dupont. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1994.